

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025)

**A REPRESENTAÇÃO DA VULNERABILIDADE SOCIAL E INVISIBILIDADE DE
MACABÉA EM *A HORA DA ESTRELA***

***THE REPRESENTATION OF MACABÉA'S SOCIAL VULNERABILITY AND
INVISIBILITY IN *A HORA DA ESTRELA****

Luís Gustavo Borges dos Santos¹
Eldio Pinto da Silva²

RESUMO

Este trabalho visa analisar a vulnerabilidade social e a invisibilidade de Macabéa em *A hora da estrela* (1977). A literatura é um forte instrumento para discutir entre a realidade e a ficção, uma vez que a personagem Macabéa atravessa a vida de muitas mulheres brasileiras. Na literatura, Clarice Lispector é conhecida por sua escrita introspectiva, de tom filosófico e existencialista, em *A hora da estrela*, constrói uma personagem totalmente vulnerável e fragilizada, reflete sobre a inocência da personagem diante sua exclusão social, expondo sua existência humana, marcada por sua invisibilidade e vulnerabilidade. A metodologia consiste na análise literária, sustentada por embasamentos teóricos e filosóficos sob caráter qualitativo, de cunho exploratório e bibliográfico³. No contexto de pesquisa, a vulnerabilidade social é a condição precária e frágil vivida por pessoas à mercê de riscos sociais, econômicos e culturais. Tal condição se resulta facilmente em sua invisibilização social, a qual um indivíduo deixa de ser visto e considerado pelas políticas públicas e sob o olhar da sociedade, tornando-se ausentes no debate social. A fundamentação teórica se baseia em estudiosos e em referenciais críticos sobre *A hora da estrela* com a discussão sobre a inserção entre a teoria e análise literária que constrói esta pesquisa, utilizou-se como suporte teórico autores que contribuem para entender a análise como Maria Ferreira de Oliveira, Maria Stela Grossi Porto, Simone de Beauvoir e Antonio Candido.

Palavras-chave: Macabéa; vulnerabilidade; exclusão social; migração; fome.

ABSTRACT

¹ Aluno do curso de Letras Português da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

² Professor de Teoria da Literatura e Literaturas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. e-mail: eldio.pinto@ufersa.edu.br.

³ Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória tem como objetivo amplificar a compreensão de um problema, tornando mais claro e delimitado. Para esses fins, é essencial o levantamento bibliográfico, com experiências de especialistas e análises de situações que aprofundem a pesquisa.

This work aims to analyze Macabéa's social vulnerability in *A hora da estrela* (1977). Literature is a powerful tool for discussing reality and fiction, since the character Macabéa reflects the lives of many Brazilian women. In literature, Clarice Lispector is known for her introspective writing, with a philosophical and existentialist tone. In *A hora da estrela*, she constructs a totally vulnerable and fragile character, reflecting on the character's innocence in the face of her social exclusion, exposing her human existence, marked by her invisibility and vulnerability. The methodology consists of literary analysis, supported by theoretical and philosophical foundations of a qualitative nature, exploratory and bibliographic in nature. In the research context, social vulnerability is the precarious and fragile condition experienced by people at the mercy of social, economic, and cultural risks. Such a condition easily results in their social invisibility, whereby an individual ceases to be seen and considered by public policies and in the eyes of society, becoming absent from social debate. The theoretical foundation is based on scholars and critical references on *The Hour of the Star* with the discussion on the insertion between theory and literary analysis that constructs this research, using as theoretical support authors who contribute to understanding the analysis, such as Maria Ferreira de Oliveira, Maria Stela Grossi Porto, Simone de Beauvoir, and Antonio Candido.

Keywords: Macabéa; vulnerability; social exclusion; migration; hunger.

1 INTRODUÇÃO

A escrita de Clarice Lispector é conhecida por ser introspectiva, de tom filosófico e existencialista, em *A hora da estrela* (1977), ela constrói uma personagem totalmente vulnerável e fragilizada socialmente no meio em que se insere, apresentada como: Macabéa, uma jovem nordestina, pobre, órfã e sem nenhum desejo de ascender na vida. Publicado antes da morte de Clarice, *A hora da estrela* foi construído durante a ditadura civil-militar brasileira, o romance reflete sobre a inocência pisada da personagem diante sua exclusão social, expondo sua existência humana, marcada por invisibilidade e vulnerabilidade. Logo, a problematização desta pesquisa está concentrada em analisar a invisibilidade social⁴ de Macabéa em *A hora da estrela*.

Diante do exposto, torna-se imperioso apresentar de forma breve a trajetória de vida da autora, uma vez que sua vida e percepção de mundo acarretam em sua forma singular de escrever: Nascida em 10 de dezembro de 1920, em Tchetchelnik, na Ucrânia, Clarice Lispector migrou ainda bebê juntamente com a família para o Brasil, escapando das mazelas da Segunda Guerra Mundial sobre os judeus. Inicialmente, a família se instituiu no Nordeste, em Maceió, Alagoas e, em seguida, no Recife, Pernambuco, onde Clarice passou a infância. Em sua adolescência, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se formou em Direito pela Universidade do Brasil, porém, seguiu carreira na literatura e no jornalismo. Em 1943, publicou sua primeira obra, o romance *Perto do Coração Selvagem*, que foi automaticamente reconhecido pela crítica como inovador, sendo um marco do início de uma das vozes mais originais da literatura brasileira. As obras mais conhecidas estão entre, *A paixão segundo G.H.* (1964), *A hora da estrela* (1977) e *Laços de família* (1960). Clarice também atuou em outras áreas de conhecimento como jornalista, onde escreveu colunas importantes como o *Jornal do Brasil*. Seu falecimento ocorreu em 9 de dezembro de 1977, um dia antes de completar 57 anos.

⁴ O termo “invisível social” é pouco conhecido, teoricamente pode-se dizer que parte da população sofre de modo ativo ou passivo deste processo. A invisibilidade social está relacionada com a sociedade atual, onde seres são separados por classe, renda e meio em que vivem (Celeguim; Roesler, 2009).

José Castello expõe, no prefácio em *A hora da estrela*, que durante o desenvolvimento de sua obra, Lispector se distancia de suas inflexões intimistas, caracterização da sua escrita que desafia a sua realidade. O resultado desse salto introvertido foi a construção do seu romance, novela como a mesma costumava chamar. (1977, apud Lispector, 1988, orelha).

Este trabalho visa analisar a vulnerabilidade social de Macabéa em *A hora da estrela*. Os objetivos específicos desta pesquisa consistem em: Identificar os elementos literários que constroem a marginalização da obra. Discutir a crítica social presente na obra. Relacionar o conceito de invisibilidade social com a narrativa clariciana. A motivação para o desenvolvimento deste trabalho surgiu durante uma roda de conversa do professor Gessival Gurgel a respeito das fragilidades da personagem em uma aula de literatura brasileira. Dito isso, surgiu o interesse para se aprofundar no assunto e perceber que existem muitas Macabéas na sociedade brasileira. A literatura é um forte instrumento para discutir entre a realidade e a ficção, uma vez que a personagem Macabéa atravessa a vida de muitas mulheres brasileiras. Ela também leva às pessoas a um forte exercício de reflexão e aquisição do saber, a afinidade de emoções e o compadecimento com o próximo, a plena capacidade de adentrar nos problemas da vida. (Candido, 2011, p. 17). Em *A hora da estrela*, Clarice cria o narrador Rodrigo S. M., o qual também será abordado nesta pesquisa. Ele se deprime mais do que se alegra com Macabéa, no entanto, o desejo de acolhê-la é explícito em sua narração: “Ah, pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa quente, um beijo na testa enquanto a cobria com um cobertor. E fazer que quando ela acordasse encontrasse simplesmente o grande luxo de viver”. (Lispector, 1977, p. 53).

Durante o percurso da história, existe uma íntima relação entre literatura, direitos e dignidade humana, isso se sucede porque os textos literários são hábeis em denunciar as precariedades sociais, ainda mais importante, suficientes em causar empatia, pensamento crítico, mais importante, educar aos leitores as divergências sociais. Candido compreende a literatura como um forte mecanismo educacional:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. (Candido, 1995, p. 177)

Neste ponto, Antonio Candido defende que a literatura é crucial para a formação dos indivíduos, seja ela intelectual ou emocional, sendo por esse meio discutidas nas redes de ensino, cujo objetivo é discutir os valores da sociedade, seja de forma positiva e/ou negativa, permitindo assim que as pessoas compreendam os problemas da sociedade de forma crítica e dialética.

Ao longo da história, há uma discussão sobre a consciência que Macabéa não tinha, o narrador descreveu e se aprofundou, causando empatia e desconforto, tal imagem e descrição foi coerente e precisa para falar sobre a personagem. Contudo, o interesse desta obra justifica-se pela urgência de discutir não somente sobre a Macabéa, mas como esta obra pode expressar a situação de muitas mulheres. Lispector, ao construir Macabéa, desenvolveu alguém incapaz de sentir, refletir sobre seus direitos e sua ausência de voz, carência e pobreza material, são traços que tornam sua figura literária um forte símbolo de invisibilidade social. Desse modo, ao analisá-la, busca-se compreender como a literatura pode ser um espaço para denúncia e reflexão sobre as questões sociais.

Como ação metodológica principal, apresenta a análise literária, sustentada por embasamentos teóricos e filosóficos sob caráter qualitativo, de cunho exploratório e bibliográfico. A classificação dessa abordagem se justifica pelo intuito de compreender a vulnerabilidade e invisibilização social de Macabéa em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. A natureza exploratória permite apurar aspectos poucos discutidos, em especial no que diz respeito à construção subjetiva e linguagem em relação ao conceito de invisibilidade social. Em contexto de pesquisa, a vulnerabilidade social é a condição precária e frágil vivida por pessoas à mercê de riscos sociais, econômicos e culturais. Tal condição se resulta facilmente em sua invisibilização social, a qual um indivíduo deixa de ser visto e considerado pelas políticas públicas e sob o olhar da sociedade, tornando-se ausentes no debate social.

A fundamentação se baseia em estudiosos da obra clariceana e em referenciais críticos sobre Macabéa e *A hora da estrela*. Além da análise literária que constrói esta pesquisa, utilizou-se como suporte teórico autores que contribuem para as características existenciais, filosófica e linguística na literatura de Lispector quer-se entender as contribuições de pesquisadores como Maria Ferreira de Oliveira, Maria Stela Grossi Porto, Simone de Beauvoir e Antonio Candido. A inserção entre a teoria e análise literária permitiu compreender não somente o estilo de Clarice, mas também os sentidos que são emergidos de sua escrita.

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira: primeiramente, temos a introdução com a contextualização do tema, problema, justificativa, metodologia e referencial teórico. No tópico seguinte, Análise social de Macabéa como sujeito invisibilizado. Neste tópico, Macabéa é exposta como um sujeito invisibilizado e que sua presença não atrai olhares e mesmo que ela ficasse no sertão, ainda sim não iria interferir na vida de ninguém. Em seguida, o texto destaca Macabéa e seus estereótipos rejeitados pela sociedade. Neste aspecto, Macabéa carrega em si 4 elementos que identificam a sua invisibilidade relacionados a sua identidade e seu padrão estético. Já no terceiro e último tópico, O atropelamento de Macabéa, fala sobre a morte da personagem, mesmo diante sua morte ela não é passível de luto, isto é, não altera o percurso ou cotidiano de ninguém. Macabéa se torna uma estrela, não uma de cinema como a mesma desejava e sim como alguém frágil e vulnerável. Por fim, as considerações finais e as referências.

O primeiro tópico retrata o processo de invisibilidade de Macabéa e o desprezo que a sociedade a impõe, cuja identidade pessoal não é vantajosa, podendo ser descartada facilmente, sendo perceptível em sua curta relação íntima com Olímpico e até mesmo em seu ambiente de trabalho, cuja prestação de serviço de trabalho não era bem aceita como datilógrafa.

O segundo tópico complementa o primeiro, isso porque será discutido de forma profunda os 4 estereótipos que Macabéa carrega em si: O fato dela ser nordestina, seu padrão estético, sua alienação e sua virgindade, concedendo assim o seu afastamento social.

No terceiro e último tópico é argumentado sobre o seu atropelamento, o momento de sua morte, onde mesmo diante o seu último suspiro, Macabéa não foi passível de luto, todos os olhares vazios que acercaram não dispuseram ajuda, seu sonho de ser uma estrela é realizado, não como uma estrela de cinema, mas sim como como um sujeito invisibilizado.

2. ANÁLISE SOCIAL DE MACABÉA COMO SUJEITO INVISIBILIZADO

Macabéa é a protagonista do romance *A hora da estrela*. Mesmo com seu trabalho de datilógrafa, vive de uma forma miserável, inconsciente de suas condições, alimentando sonhos ingênuos e ilusões. Sua existência simples e apagada, revela a voz que Clarice Lispector concede a esta personagem, aparentemente insignificante, mas repleta de sensibilidade. “Ela não se conhecia senão através das tenuidades alheias, como se fosse feita de nada. Sabia apenas que existia e com isso se conformava.” (Lispector, 1977, p. 27). Este fragmento revela a

invisibilidade e a simplicidade da personagem, que existe sem uma consciência crítica sobre sua condição, mas que carrega em si uma profunda dimensão humana.

Para Oliveira em *Macabéa: uma imigrante subalterna emudecida e invisibilizada* (2012) “Macabéa, personagem de Clarice Lispector em *A Hora da Estrela*, é uma jovem imigrante que passa por um processo comum na modernidade que é a invisibilidade e o emudecimento.” (Oliveira, 2012, p. 2). Isto é, a personagem não se configura apenas como pobre e isolada, mas como alguém cujo a sua identidade e presença social podem ser poucos considerados ou apagados. “Era como se não existisse. Ninguém olhava para ela na rua, como se fosse transparente.” (Lispector, 1977, p. 23). Logo, esse trecho caminha junto com o que Oliveira fala sobre seu processo de invisibilidade e emudecimento. Marcada por uma vida apagada, sem reconhecimento social. Segundo Celeguim e Roesler (2009, p. 4):

A invisibilidade social pode ser relacionada com o modo de vida em que se vive nos dias de hoje. Uma sociedade que avalia o indivíduo pelo que tem e não pelo que o mesmo é. Deste modo, os trabalhadores que possuem tarefas essenciais, a população pode ser vistos como objetos e não como seres, visto que a maioria das pessoas não se submetem aos trabalhos praticados por aqueles. Deve-se lembrar que os trabalhos realizados pelos “invisíveis” têm grande valor econômico.

Pode-se observar a invisibilidade social se mantém forte nas relações contemporâneas, trazendo a lógica que o indivíduo é mais valorizado pelo que ele possui do que a dimensão da sua humanidade. Isto é, se o indivíduo carrega trabalhos essenciais, mas podem ser desvalorizados socialmente – como diaristas, trabalhadores domésticos, agricultores, auxiliares de serviços gerais e etc – essas pessoas tornam-se apagadas pelo seu cotidiano percebidas somente pela função que a desempenham. Essa redução do sujeito a sua dimensão faz com que muitos sejam vistos como meros “objetos” e não como pessoas que possuem identidade, dignidade e dotadas de história.

Para Pinto de Sá (2008, p. 3): “O desprezo social e o não-reconhecimento dão origem ao sentimento de invisibilidade. Na sociedade do espetáculo na qual nós vivemos, o invisível tende a significar o insignificante.” Nesta perspectiva, Macabéa é a personificação literária de quem sofre com o não-reconhecimento social. Ela não é notada quando passa pela rua, em seu trabalho de datilografia, e suas relações afetivas como a do seu namorado Olímpico. Em sua presença ou ausência, não altera o percurso da vida de ninguém. — como o narrador reforça: “Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio” (Lispector, 1977, p. 24). Sendo assim, já que era invisível se tornava insignificante. Pela lógica da sociedade do espetáculo que valoriza apenas *status*, aparência, consumismo e visibilidade, Macabéa torna-se insignificante porque não corresponde a esses padrões exigidos: ela é pobre, feia consoante aos padrões sociais e apenas com desejos simples (como o de ser “uma estrela”), mas a sua presença não é notada por ninguém. Em uma sociedade que valoriza apenas a aparência e o sucesso Macabéa não possui nada que a torne “visível”, sendo assim, é reduzida à insignificância. Celeguim e Roesler (2009, p. 18) destacam: “[...] as pessoas posicionadas na sociedade em vigor levam em consideração apenas a função social do outro, e não a pessoa em si. Em suma, a valorização social está condicionada ao sucesso e à posição dentro do contexto social”.

Para falar da figura de Macabéa, Clarice Lispector usa um pseudo-autor da narrativa, é um narrador que sofre ao mesmo tempo que escreve. “Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela” (Lispector, 1977, p. 28). Tal narrador chama-se Rodrigo S. M., ele dialoga com o leitor, a força de sua linguagem e a exploração psicológica da personagem regidas por essa voz incomodam o leitor. O narrador fica preocupado com a vida da personagem, ao mesmo tempo que sente repulsa pelos problemas sociais que ela vive, ele possui uma preocupação consciente com Macabéa. “Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem

rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou o meu grito de honra à vida. A vida que tanto amo”. (Lispector, 1977, p. 33).

Com isso, percebe-se uma relação profunda, sentimentalista e unilateral entre o narrador e Macabéa. Enquanto ela não tem consciência de sua própria existência, ele tem plena convicção dela e a enxerga como aquilo que mais valoriza: a sua própria vida. Quando ele fala que grita sua honra à vida por meio dela, passa a expressar sua devoção e amor pela existência. Além disso, a fala sugere uma dimensão espiritual ou simbólica, onde o narrador concebe o papel de algo divino ou quase superior, observando de forma intensa alguém que vive sem saber de sua presença. “Mas desconfio que toda esta conversa é feita apenas para adiar a pobreza da história, pois estou com medo. Antes de ter surgido na minha vida essa datilógrafa [Macabéa], eu era homem até mesmo um pouco contente, apesar do mau êxito na minha literatura”. (Lispector, 1977, p. 27). Dessa forma, Clarice consegue expor Macabéa para a sociedade como ela está inserida, ela é praticamente invisível, seus direitos foram violados desde a infância, sofre preconceitos constantes devido sua origem e sua classe social e gênero. Logo no início da obra, o narrador afirma que para descrever Macabéa, outro narrador deveria ser homem “porque a escritora mulher pode lacrimejar piegas” (Lispector, 1977, p. 14). Essa afirmativa reforça que a natureza feminina poderia chorar rios de lágrimas, enquanto narrador, ele possui uma natureza mais forte e se fosse uma mulher iria sentir as dores Macabéa.

Clarice também deixa evidente como Macabéa não é vista como sujeito pela sociedade “Ela era invisível. Ninguém a olhava na rua, ninguém lhe prestava atenção” (Lispector, 1977, p. 36). Tal citação revela de forma explícita como Macabéa é um ser social apagado, sua existência passa assim despercebidas recorrendo a ideia de invisibilidade social, essa ideia também pode ser discutida pelo pensamento de Porto (2006, p. 1), “[...] o conceito de invisibilidade social tem sido aplicado, em geral, quando se refere a seres socialmente invisíveis, seja pela indiferença, seja pelo preconceito, o que nos leva a compreender que tal fenômeno atinge tão somente aqueles que estão à margem da sociedade”. Portanto, o pensamento de Porto dialoga diretamente com as condições de Macabéa. Ela é marcada por duas dimensões que assumem o papel da invisibilidade social que é a indiferença e o preconceito. No eixo da indiferença Macabéa passa por despercebida em quase todo seu eixo social. Percebe-se isso com seus colegas de trabalho, o namorado Olímpico, deixando explícito como se a sua vida não tivesse importância. Já na esfera do preconceito ela é alvo de alguns estigmas ligados por sua origem nordestina, pobreza, falta de instrução e a ausência de atributos que a sociedade valoriza como a beleza ou sofisticação.

2.1 MACABÉA E SEUS ESTEREÓTIPOS REJEITADOS PELA SOCIEDADE

Macabéa é personificada por alguns estereótipos rejeitados pela sociedade, que são constantemente vistos como algo negativo, uma vez que todos esses aspectos são vistos em apenas uma personagem. Uma jovem nordestina de dezenove anos, virgem e que não possui grandes ambições ou luxos da vida, partindo para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor. Vejamos: “E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser”. (Lispector, 1977, p. 51). Sua vida pessoal, seu comprometimento com o trabalho, seu sentimento é de não mais existir um horizonte no seu futuro.

Um dos primeiros passos desses estereótipos é o fato dela ser nordestina, no contexto em qual essa obra foi produzida representa a sociedade carioca da década de 1970, a figura do nordestino era de miséria e pobreza. O processo migratório interno no Brasil ocorreu em massa na segunda metade do século XX. As atividades socioeconômicas que levaram os nordestinos

que migraram para o sudeste do país produzem como consequência que o Sudeste era um espaço de avanço industrial e moderno, em especial o Rio de Janeiro e São Paulo que estava passando por uma urbanização. Por outro lado, a imagem do nordeste era sinônimo de seca, fome e pobreza como se representassem uma condição estrutural da região. Na perspectiva de M. Cecília Minayo (1995), as condições estruturais, os sistemas de valores, as normas e os símbolos transmitem as representações socialmente construídas de determinados grupos em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas.

Os migrantes nordestinos costumam sofrer essa dilaceração perante a sociedade local, tal inferiorização dos migrantes com o intuito de obter uma vida melhor é evidente na história de Macabéa, e na sua dificuldade de se encaixar e relacionar com a sociedade. Rodrigo S.M. aponta:

Ela que devia ter ficado no Sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra— a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa. Embora, ao que parece, não aprovasse na linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra “designar” de modo como em língua falada diria: “desiguinar”.” (Lispector, 1977, p. 29).

Um ponto a ser discutido conforme a citação é sobre a sua falta de consciência crítica, isto se resulta a sua falta de continuidade dos estudos, já que teve até o seu terceiro ano primário. Tal condição educacional de Macabéa, deixa explícito o que Paulo Freire determina como resultado da educação negada das classes subalternizadas. Consoante a Freire “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (Freire, 1987, p. 68), nesse sentido, a ausência de escolarização não ocorre da incapacidade individual, mas sim de um processo histórico de exclusão.

Macabéa, nascida sem nenhuma educação formadora e crítica, deixa internalizado em si uma negação e falta de consciência crítica de si, uma vez que “ela era subterrânea e nunca tinha tido coragem de ter consciência de si” (Lispector, 1977, p. 27). Dessa forma, a personagem não almeja os estudos, porque nunca lhe foi apresentado como uma ferramenta de construção de vida pessoal e social, confirmando a crítica freireana de que a educação não é libertadora, ela designa para a manutenção da opressão.

Ao falar sobre a profissão que Macabéa tentava seguir para se sustentar no Rio de Janeiro, mas que falhava miseravelmente em praticar. O narrador tende a desvalorizar o trabalho de Macabéa, mas por dentro assume uma postura de considerar que o faz é por falta de opção. Ela não era uma peça crucial no mecanismo social, mesmo que ela tivesse no sertão, não haveria diferença para ninguém:

Há outra demonstração desse estigma nordestino sobre sua figura é o momento em que Macabéa encontra Olímpico pela primeira vez, que descreve os personagens de uma forma bruta e animalésca: “O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam” (Lispector, 1977, p. 43).

Macabéa era diferente de outras mulheres do seu convívio, não se encaixava, pois parecia lhe faltar algo. Não exalava sensualidade e sequer despertava desejo a ninguém. Diante disso, o narrador afirma: “Pois até mesmo o fato de vir ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação. A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol”. (Lispector, 1977, p. 43). Núcia Oliveira (2005) salienta que a beleza é construída por discursos normativos em cuja propagação o papel desempenhado pela mídia não pode ser desprezado, pois a beleza é como uma questão que varia ao longo da história e que se encontra

marcada por relações de poder, evidenciando o aspecto cultural que incide sobre a beleza assim como ocorre com o gênero, o sexo, e o corpo.

Ao longo da trama existe um reforço que Macabéa é virgem como uma característica revigorante dela, destacando a ideia que ela não tem feminilidade e nenhum apelo sexual. No entanto, alguns trechos confirmam que Macabéa sentia desejos sexuais que nem ela sabia que tinha:

Macabéa, esqueci de dizer, tinha uma infelicidade: era sensual. Como é que num corpo cariado como o dela cabia tanta lascívia, sem que ela soubesse que tinha? Mistério. Havia no começo do namoro, pedindo a Olímpio um retratinho tamanho 3x4 onde ele saiu rindo para mostrar o canino de ouro e ela ficava tão excitada que rezava três pai-nossos e duas ave-marias para se acalmar. (Lispector, 1977, p. 55)

Clarice Lispector insere nesse trecho como Macabéa manifesta desejos inconscientes e confusos, revelando sua dimensão humana e corporal. Dessa forma, nota-se que esse desejo sexual existe, mas é invisibilizado por seu desconhecimento de si mesma, e em especial, os filtros sociais que anulam sua sexualidade e existência. Deste modo, Lispector denuncia de como a pobreza, gênero e exclusão social descartam a possibilidade de reconhecer o desejo feminino, pondo como tabu ou algo inalcançável pelas mulheres marginalizadas. Simone de Beauvoir (2009) salienta “[...] não se nasce mulher, se torna mulher, já Judith Butler (2007, p. 27) reconhece o corpo como uma situação, um lugar de interpretações culturais, um modo de tornar-se: um corpo concebido como produto da história e, e acrescenta “o corpo é representado como mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado”.

A virgindade de Macabéa funciona como um processo de infantilização e de sua negação da sexualidade feminina, uma vez que a sociedade espera que a mulher “desejável” seja esbelta e sedutora, características essas que Macabéa não tem. Um trecho que constata sua negação é: “Às vezes, quando estava deitada, sentia uma coisa esquisita no corpo, uma quentura, mas não sabia o que era. Ficava com vergonha e logo esquecia.” (Lispector, 1977, p. 46). Esse trecho só mostra como Macabéa sente desejos atrelados a sua sexualidade, mas se quer consegue nomeá-las ou entendê-las. Isso só mostra uma contradição presente na vida personagem: em sociedade é apresentada como “Virgem, sem feminilidade, sem apelo sexual”, mas no seu interior há alguém que sente desejos e que são reprimidos.

Para Simone Beauvoir, em *O Segundo Sexo*: “A virgindade é valorizada porque significa a submissão da mulher ao homem. Ela é a propriedade do homem; é um presente que este recebe; é um presente que ele arrebatava. [...] A mulher virgem é uma criança que se conserva em estado de objeto, destinada ao macho.” (Beauvoir, 2009, p. 81). Este trecho põe como discussão de como a virgindade é um valor cultural que passa a infantilizar a mulher e a reduz de sua pureza à submissão, excluindo assim sua sexualidade. A dissertação sobre esse estereótipo é evidenciada em Macabéa, sendo constantemente retratada como “virgem” e, por fim, sem apelo sexual e feminilidade. No entanto, ao sentir esses desejos carnaais que nem sabia nomear, a personagem rompe essa pureza, que apesar da sua marginalização social, seu corpo a chama para a experiência universal do desejo humano “Macabéa sentiu um calor no corpo que nunca tinha sentido antes. Era como se algo dentro dela despertasse, e ela não sabia direito o que era, mas gostava.” (Lispector, 1977, p. 52). Seu corpo a chama para sentir esses desejos, embora sua invisibilidade e marginalização. “A sexualidade feminina é sempre avaliada em função do homem; mas a mulher, ao sentir desejos, descobre que não é apenas objeto, que seu corpo possui vida própria e chama-a para a experiências que transcendem a submissão social.” (Beauvoir, 2009, p. 66-69)

Por outro lado, seu namorado Olímpico de Jesus não retribuía esse sentimento de desejo por Macabéa. Ao rompimento da relação com ela, ele a compara com algo repulsivo e sem

valor, pois quando a olhava: “— Pois você é como um cabelo na sopa. Quando a gente olha não dá vontade de comer” (Lispector, 1977, p. 78). Macabéa por não se encaixar no padrão de beleza e sensualidade das mulheres na sociedade, ela era rebaixada e considerada menos importante que as outras mulheres. Em *Corpos perfeitos: o “ideal” de beleza das mulheres construído na contemporaneidade*, Helena Miranda dos Santos (2008, p. 40) faz uma reflexão sobre a beleza e destaca:

Sobre a beleza, impera uma construção social que a toma como recompensa prévia aos grandes custos emocionais, físicos e financeiros que são necessários para a sua “obtenção”. Também vale salientar que, a partir do momento em que a mulher passa a se responsabilizar, através dos investimentos realizados, por sua beleza, ela deve mostrar o seu esforço em adequar/manter o modelo padrão, caso não queira se sentir marginalizada e excluída de seu nicho/grupo identitário ou socialmente culpada e rotulada de negligente.

Isso também é perceptível em seu contraste com Glória, que acaba despertando um desejo em Olímpico e todas as possibilidades que Macabéa não oferecia ao seu namorado Olímpico, ao finalizar com Macabéa e a sua tentativa de conquistar Glória, põe como reforço a distinção entre as duas personagens e sua idealização como mulher de como ela poderia ser representada e o que ela necessitava ter. Dito que, Glória é edificada e Macabéa rebaixada como mulher. “Glória era gorda e cheia de vida, e tinha cabelos pintados de louro e usava perfume. Já Macabéa não usava nada, nem sabão.” (Lispector, 1977, p. 76)

Glória, por sua vez, correspondia a um padrão estético de uma mulher branca, com um físico que correspondia aos padrões ideais e ainda tinha o auxílio de sua família. “Glória era estenógrafa e não só ganhava mais como não parecia se atrapalhar com as palavras difíceis das quais o chefe tanto gostava” (Lispector, 1977, p. 56). Glória era segura de si e possuía um comportamento que exibia sua autoestima. Macabéa, por outro lado, era o oposto dos aspectos sociais e físicos. Essa distinção pode ser debatida pela óptica de Capital Estético (Bourdieu, 2007) “As diferenças corporais, sejam naturais ou adquiridas, funcionam como sinais visíveis da distinção social e como instrumentos de dominação simbólica.” (Bourdieu, 2007, p. 210). Esse fragmento reflete justamente a ideia de que a aparência é um marcador simbólico podendo gerar prestígio ou exclusão. Essa ideia reflete de forma plena em Glória e Macabéa, Glória possuía todo esse capital de beleza, enquanto Macabéa na sua condição física e de classe não a tornava desejável. Entretanto, aparentemente não se afeta com sua rejeição, pelo fato de ter o costume de ser rejeitada ou pelo afeto que nunca teve em sua vida. Ela também não queria parecer triste já que em sua inocência, se ela parecesse feliz, logo ela seria:

Na hora que Olímpico lhe dera o fora, a reação dela (explosão) veio de repente inesperada: pôs-se sem mais nem menos a rir. Ria por não ter se lembrado de chorar. Surpreendido. Olímpico, sem entender, deu gargalhadas. [...] Depois que Olímpico a despediu, já que ela não era uma pessoa triste, procurou continuar como se nada tivesse perdido. (Lispector, 1977, p. 55).

Um dos momentos mais importantes da obra, Macabéa, que já trabalhava em datilografia, recebe um aviso de que seria demitida por meio do seu chefe Raimundo Silveira. Ele tentou amenizar a notícia após ver a reação sentimentalista da personagem, que se desculpou pelo “aborrecimento” e ainda apresentou “uma cara quase sorridente” (Lispector, 1977, p. 40). Para Judith Butler (2015, p. 57): “Alguns corpos são deliberadamente expostos à violência, ao ridículo e à precariedade, precisamente porque as normas sociais decidem que essas vidas não merecem ser protegidas”. Essa constatação reflete que a vulnerabilidade também é uma construção social e política, definindo assim quais vidas serão valorizadas e quais devem ser descartadas e invisíveis. Isto é, Macabéa devido a sua origem nordestina faz com que sua dignidade seja totalmente desconsiderada, até nesse ponto da demissão.

Tanto que (explosão) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representante de Roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa), com brutalidade que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel (Lispector, 1977, p. 39)

Logo após esse momento, Macabéa se direcionou ao banheiro e se olhou por um longo tempo no banheiro, observando de modo atento todas as suas características físicas. Este é um dos momentos mais especiais da obra, pois é nele que Macabéa é apresentada, com sua descrição visual e uma auto análise que fala a forma como a personagem se vê: “Enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem. [...] A moça tinha ombros curvos como os de uma cerzideira. Aprendera em pequena a cerzir”. (Lispector, 1977, p. 40-41).

Para Susan Bordo, na obra *O Corpo Imagem Cultural* (1999, p. 15): “Os corpos femininos são continuamente moldados e disciplinados por padrões culturais de beleza; as mulheres internalizam críticas e imperativos sociais sobre seu corpo, tornando-se juízas de si mesmas, ansiosas para corresponder a ideias muitas vezes inatingíveis”. Bordo surge como análise sobre como os corpos são moldados e regulados pelos padrões estético culturais, se encaixando no padrão estético da mulher e como a sociedade move críticas indiretas relacionadas ao seu próprio corpo internalizando em si. O olhar de Macabéa sobre si mesma diante o espelho se enquadra perfeitamente nesse aspecto: olhando para si mesma e vendo imperfeições, refletindo assim como os padrões culturais estéticos provoca a percepção de si mesmo.

Depois desse momento descritivo de Macabéa mostram-se as características sobre sua personalidade, a sua falta de magnitude e a forma como ninguém a enxergava para ela na rua, o narrador a descreve como “café frio”. Em descrição sobre sua existência, Rodrigo S.M. afirma que “Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha”. (Lispector, 1977, p. 40).

Toda essa trajetória de descrição sobre Macabéa, demora a ser apresentada na obra, demonstra a dificuldade do narrador em contar a história já que ele previa e sabia o final trágico da alagoana:

Se estou demorando um pouco em fazer acontecer o que já prevejo vagamente, é porque preciso tirar vários retratos dessa alagoana. E também porque se houver algum leitor para essa história quero que ele se embebe da jovem assim como um pano de chão todo encharcado. A moça é uma verdade da qual eu não queria saber. Não sei a quem acusar, mas deve haver um réu. (Lispector, 1977, p. 55).

Dessa forma, esse trecho revela a consciência ética que o narrador possui, a vida cruel que Macabéa experiencia e convidando que o leitor viva sua vulnerabilidade. Ao mesmo instante, é questionado sobre a responsabilidade social sobre a marginalização e a pobreza. Colocando assim que a invisibilidade social da personagem não é um simples acaso e sim um fenômeno estrutural.

O narrador exhibe o lugar onde a personagem vive, num limbo, à mercê da margem social e através disso demonstra o quanto a vida da personagem é solitária e vazia. Consoante a ele mesmo, ela possuía uma vida rala, sem grandes acontecimentos e sem alcançar os extremos, seja para melhor ou pior:

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que

mais isso? O seu viver é ralo. Sim. Mas por que estou me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso e de nada ter feito de concreto em benefício da moça. Moça essa – e vejo que já estou quase na história – moça essa que dormia de combinação de brim com manchas bastante suspeitas de sangue pálido. Para adormecer nas frígidas noites de inverno enroscava-se em si mesma, recebendo-se e dando-se o próprio parco calor. Dormia de boca aberta por causa do nariz entupido, dormia exausta, dormia até o nunca. (Lispector, 1977, p. 38)

Essa consciência sobre a existência vazia de Macabéa atingia profundamente o narrador, que pontuava esse aspecto com frequência na narrativa. Todavia, é também claro na obra que a própria Macabéa não possuía consciência dos aspectos sociais de sua vida. De acordo com a descrição de Rodrigo S.M., ela não tinha competência para a vida porque “só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si mesma” (Lispector, 1977, p. 39).

A alienação que Macabéa carrega em relação a ela mesma e todos aspectos sobre sua vida é o ponto-chave da obra, é por meio dessa alienação que percebe a sua ingenuidade e conformismo da personagem que não queria e muito menos iria mudar seus comportamentos para ser aceita em sociedade. Macabéa se quer indagava, não pensava e se expressava, pois não existia uma voz em seu meio para influenciar sua vida:

Maca, porém, jamais disse frases; em primeiro lugar por ser de parca palavra. E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz. Não se tratava de uma idiota mas tinha a felicidade pura dos idiotas. E também não prestava atenção em si mesma: ela não sabia. (LISPECTOR, 1977, p. 87)

O narrador em trecho afirma que Macabéa não gostava muito de pensar sobre sua existência, embora que fosse um questionamento feito apenas a si mesma: “Só uma vez se fez uma trágica pergunta: quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar.” (Lispector, 1977, p. 48). A alienação de Macabéa com a realidade que ela vivia e o inconsciente de sua própria existência demonstram a incapacidade da personagem em se defender ou transformar a sua realidade. Como ela não costumava refletir sobre si ou sobre seu meio social, ela jamais poderia saber a quem recorrer ou que fazer para se ter ajuda. Para Paulo Freire sobre sua obra *Conscientização e Alienação* (1979) argumenta que “A alienação é o resultado da ausência de uma consciência crítica. O homem alienado é aquele que não se reconhece como sujeito da própria história, mas como objeto das circunstâncias.” (Freire, 1979, p. 34) ou seja, a alienação se parte da falta de consciência crítica perante a opressão social. Neste ponto, Macabéa em nenhum momento desenvolve o apelo crítico e aceita de forma passiva sua posição de inferioridade. Refletindo a educação que Freire defende para promover a reflexão e romper com a alienação.

Seguindo esse eixo, Souza discute que “Macabéa é uma personagem alienada, desprovida de consciência crítica e incapaz de perceber a realidade que a oprime. Sua ignorância não é natural, mas resultado de um contexto social que produz sujeitos submissos e impotentes diante da exclusão.” (Souza, 1999, p. 112). Conforme Souza, Macabéa é um ser alienado mediante um contexto social que cria sujeitos submissos, se tornando incapaz de pensar, sendo impotente assim de promover mudanças em sua vida.

Macabéa também não ia ao encontro de nenhuma existência divina que pudesse confortá-la ou conceder algum tipo de propósito em sua vida. Ela não tinha crença em um Deus, entretanto orava automaticamente e costumava evitar tudo aquilo que achasse pecaminoso, sentindo-se culpada e pedindo perdão a Deus por qualquer ato desta natureza. Todos esses ritos vazios apontavam a sua ingenuidade que não compreendia os motivos, mas realizava suas orações mesmo assim, por uma provável criação da tia beata:

Rezava, mas sem Deus, ela não sabia quem era ele e, portanto, ele não existia. Acabo de descobrir que para ela, fora Deus, também a realidade era muito pouco. Dava-se

melhor com um irreal cotidiano, vivia em câmara leeeenta, lebre puuuuulando no aaar sobre os ooooouteiros, o vago era o seu mundo terrestre, o vago era o dentro da natureza. (Lispector, 1977, p. 50).

Um aspecto de suma importância para a história de Macabéa é a miséria e sua questão deplorável em que a protagonista se encontra: “Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir”. (Lispector, 1977, p. 47).

Macabéa se encontra em uma situação tão vulnerável que em suas refeições eram resumidas em apenas comer cachorro-quente com coca-cola, café, ou raros momentos sanduíches de mortadela. Sua ignorância era tanta que quando foi ao médico e foi diagnosticada com tuberculose pulmonar, não sabia se era coisa boa ou coisa ruim, sua resposta foi agradecer ao médico pela notícia. Macabéa também não comprou o tônico que o médico a mandou, porque ela acreditava que “ir ao médico por si só já curava”. (Lispector, 1977, p. 85)

Marmot (2005) traz uma discussão na obra *Determinantes Sociais da Saúde* de como a saúde de um ser está ligada diretamente a determinantes sociais, como a renda, educação, estrutura social. A negligência que Macabéa expõe não é apenas uma mera ignorância, mas sim um fator resultante da desigualdade social e falta de recursos que a fizessem pensar sobre sua saúde.

Portanto, para Flávia Trocoli manifesta em Esculpir, pintar e escrever em Clarice Lispector que “Macabéa não é um nada onde nada falta, é também lugar onde se inscreve a divisão, a falta, o desejo” (Trocoli, 2010, p. 53). Dessa forma, Macabéa representa uma ausência de si, da mesma forma que ela tem existência para o outro, ela não existe para ela mesma. Logo, ela é uma representação vazia que só possui significado para seu narrador.

2.2 O ATROPELAMENTO DE MACABÉA

A ingenuidade da personagem representa os que são rejeitados e invisíveis socialmente, “tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde o sorriso porque nem ao menos a olham” (Lispector, 1977, p. 16). Pelo fato dela não conseguir se integrar na sociedade, sua história se torna difícil, tal como sua existência é complexa e pesada. Segundo o narrador, “para as pessoas ela não existia” (Lispector, 1977, p. 63). É evidente que ela não possuía uma identidade na sociedade, nenhum apontamento de sua origem ou criação. Seu trabalho como datilógrafa estava com dias contados e sequer não acrescentava em sua vida o suficiente para tirá-la da miséria e acabar com sua eterna “grande fome”. Tudo que é sabido por Macabéa é porque é revelado pelo seu narrador e observador Rodrigo S.M., o único capaz de conceder detalhes sobre a vida da personagem. Consoante sua fala, “Só eu a vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela” (Lispector, 1977, p. 42).

Bauman (2005), em sua obra *Identidade* destaca: “Na modernidade líquida, as identidades são fragmentadas, mutáveis e constantemente revistas. O sujeito moderno é compelido a negociar incessantemente quem é e de onde pertence.” (Bauman, 2005, p. 33). Bauman deixa claro que o indivíduo vive em questões de incertezas uma vez que, as referências sociais, culturais e até afetivas mudam o tempo todo. Dessa forma, a identidade deixa de ser fixa e passa a ser um procedimento de construção e adaptação, algo que se reflete fortemente em Macabéa. Por outro lado, enquanto Bauman fala de uma identidade líquida que se constrói e se adapta, Macabéa não consegue se adaptar, não tem recursos simbólicos, culturais ou sociais para ser “negociada”, já que a sua condição de pobreza e marginalização a distanciaram de se inserir nessa massa de construção de identidades.

A professora e pesquisadora Ecléa Bosi disserta, em seu livro *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, que o migrante ao se distanciar de seu lugar de origem perde suas raízes:

O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir o entoadado nativo de falar, de viver, de louvar a Deus... Suas múltiplas raízes se partem. Na cidade a sua fala é chamada de 'código restrito' pelos linguistas, seu jeito de viver, 'carência cultural', sua religião, crendice ou folclore. Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. (Bosi, 1983, p. 405).

O desenraizamento aponta a dificuldade que o migrante enfrenta ao se deparar com um novo local distinto e culturas divergentes ao seu local de origem, tendo dessa forma que passar por um processo de adaptação e sofrendo de tudo que estava apto em seu local de origem, além de ter que se adequar no local de sua escolha. Nara Antunes, em seu livro *Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura*, expressa que “para os nordestinos, migrar adquire a representação social de superação da miséria, de encontro de um lugar social (de “excluídos” passariam a “incluídos”)”. (Antunes, 2002, p. 126).

Em relação a Macabéa, que havia saído do sertão alagoano para uma cidade consideravelmente abrangente e inovadora, o processo de aceitação após sua migração e a intenção de encontrar uma vida plena, não se passam de apenas uma ilusão, ela não alcançou suas expectativas. Além disso, ela se encontrava em um estado financeiro deplorável, durante a narrativa sua exclusão social é cada vez mais acentuada: “Ninguém a notava. Macabéa era como se não fosse. É que ninguém presta atenção em moça míope, magra, feia e ainda por cima nordestina.” (Lispector, 1977, p. 23).

A narrativa retrata de forma exata as dificuldades e atrocidades sofridas pelos migrantes nordestinos que partem para os grandes centros urbanos. Além disto, há uma denúncia social, um olhar sublime para todos aqueles que estão a mercê da sociedade e invisíveis de seus direitos, como também as minorias isentas de todos os direitos como a própria Macabéa, que não só da imagem, mas também personifica a esses estereótipos dessa camada social. Um exemplo dessa denúncia social estão os ambientes periféricos que ocupam as grandes metrópoles, que apesar de servirem como residência, mas estão envoltos de uma situação precária, como no caso de Macabéa e suas colegas de quarto:

Morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas. O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. O cais imundo dava-lhe saudade do futuro. (Lispector, 1977, p. 45).

O fragmento exposto representa a exclusão social de Macabéa em diferentes níveis: econômico (a vaga de quarto duvidosa), espacial (bairro onde residia) e existencial (pela saudade do que nunca virá). Observa-se que Clarice utiliza-se do espaço físico para promover a história da personagem: uma vida miserável e invisível destinada a um futuro impossível.

Além das precariedades enfrentadas, revela-se uma denúncia das más condições vividas por uma grande parcela da população, que não direcionava suas queixas, pois não há quem pudessem ouvi-las e transformar essa realidade:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (Lispector, 1977, p. 47).

Em síntese, o narrador provoca uma reflexão ao leitor e ao mesmo tempo uma denúncia das condições estruturais da invisibilidade social das mulheres pobres. Macabéa, por sua vez, não é somente um caso isolado, mas carrega em si a simbologia de muitas mulheres em

situações precárias, sem voz, sem notoriedade, sem reconhecimento e sem a conquista de seus direitos. Clarice, por meio do narrador, promove uma reflexão sobre essas mulheres e de instâncias sociais que assim pudessem ouvi-las.

Já em outro trecho, Rodrigo S. M. reafirma essa denúncia social mostrando jovens moças que só há o corpo como posse, ou seja, a imagem física de Macabéa não se enquadra com um corpo belo: “Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém”. (Lispector, 1977, p. 28).

O narrador afirma, ainda, uma possível vantagem que Macabéa tinha sobre as pessoas de sua “subclasse”, pois “a moça pelo menos comida não mendigava, havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome”. (Lispector, 1977, p. 45). Macabéa, por outro lado, não gostava de causar incômodo e estava acostumada com sua fome permanente. Macabéa e todas as outras pessoas que são levadas a viver à margem da sociedade moderna, todos com o mesmo pertencimento à sua mesma “subclasse”, não têm voz, pois não existe como ou a quem auxiliar para sair do ciclo vicioso da miséria e inferioridade.

Gaya Chakravorty Spivak explica no livro *Pode o subalterno falar?* exatamente sobre o silenciamento dos que são invisíveis socialmente, os subalternos. Consoante Spivak, a expressão subalterno se diz respeito “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (Spivak, 2010, p. 12). Perante essa definição, tanto Macabéa quanto as “milhares de moças como ela” finalmente estão em um grupo social, o dos subalternos. Spivak acrescenta:

Para o “verdadeiro” grupo subalterno, cuja identidade é a sua diferença, pode-se afirmar que não há nenhum sujeito subalterno irrepresentável que possa saber e falar por si mesmo. A solução do intelectual não é de abster da representação. O problema é que o itinerário do sujeito não foi traçado de maneira a oferecer um objeto de sedução ao intelectual representante (Spivak, 2010, p. 60).

Durante a narrativa, o único momento onde Macabéa se aproxima de uma consciência social e até se identifica de aproximação com uma classe social é quando se vê o título *Humilhados e Ofendidos* (1861), de Fiódor Dostoiévski, comprovando assim seu desencaixe social. Iannace (2001, p. 89) salienta sobre: “A presença de Dostoiévski na literatura de Clarice Lispector é menos de influência temática e mais de afinidade espiritual: ambos revelam os humilhados, os desajustados, os seres que vivem à margem e buscam um sentido para existência”. Conforme a citação, Clarice compartilha da mesma preocupação existencial e social que Dostoiévski, outros estudiosos apontam que Clarice lia e relia Dostoiévski e que as marcas dele aparecem em sua obra como personagens humilhados, conflitos morais, tornando assim a intertextualidade plausível. Outra estudiosa que defende isso é Nádia Batella em *Clarice: uma vida que se conta* (1995): “Clarice Lispector leu Dostoiévski intensamente e o admirava profundamente. Via nele a coragem de penetrar nas zonas mais obscuras da alma humana, algo que também perseguia em sua própria escrita.” (Gotlib, 1995, p. 154). Dessa forma, fica evidente que a referência de *Humilhados e Ofendidos* não é aleatória, se parte de uma leitura real que era admirada por Clarice.

Logo em seguida, se constata uma ausência de desejo da personagem de lutar para modificar a sua realidade:

Mas um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era “Humilhados e Ofendidos”. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou a conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera,

tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (Lispector, 1977, p. 57).

Convém ressaltar que a escolha desse título para que Macabéa se deparasse, não foi á toa: Clarice fez uma espécie de diálogo com a obra de Dostoiévski também trata da miséria dos personagens, vida miserável, marginalização e opressão social.

A protagonista de *A hora da estrela* se incorpora neste grupo dos subalternos, sua voz não é ouvida, não é atingida na sociedade, é necessário que alguém fale por ela. Tamanha condição que Macabéa vive se aproxima do conceito de subalternidade por Spivak (2010) questionado se o subalterno pode falar. Macabéa não possui uma voz viva dentro da sociedade — “Ela não sabe gritar” (Lispector, 1977, p. 14). Com isso, cabe ao narrador afirmar: “Porque há direito ao grito. Então eu grito.” (Lispector, 1977, p. 27). Portanto, Rodrigo S. M. serve como mediador desse discurso revelando assim a exclusão social da protagonista e simbólica. O próprio Rodrigo S. M. afirma que seu poder é limitante a dar essa voz a personagem, para que ela possa passar a ser ouvida ou observada: “Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da magreza”. (Lispector, 1977, p. 19).

Durante a construção da obra aparece um ponto-chave, um trecho que justifica a escolha do título para o livro e pontua como na hora da morte o indivíduo se torna uma estrela de cinema, sendo este uma premonição do futuro trágico de Macabéa, ao mesmo tempo um indicativo do desejo da protagonista em ser uma estrela de cinema que foi realizado:

Esse não-saber pode parecer mim mas não é tanto porque ela sabia muita coisa assim como ninguém ensina cachorro a abanar o rabo e nem a pessoa a sentir fome; nasce-se e fica-se logo sabendo. Assim como ninguém lhe ensinaria um dia a morrer: na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela de cinema, é o instante de glória de cada um é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes. (Lispector, 1977, p. 44).

O trecho revela que o não-saber de Macabéa não se resume apenas a uma ignorância, ela também sabe das coisas, como sentir fome. A metáfora que ocorre do “cachorro abanar o rabo” funciona como alguns aprendizados são de suma natureza, ou seja, instintivos. Ninguém ensina o outro a ter fome, ele apenas sente. Macabéa possui o conhecimento intuitivo da vida, mas se torna limitado, não tendo acesso as regras sociais e culturais que facilitem a sua sobrevivência. A personagem tem saberes instintivos, conhecimentos que façam enxergar a sua humanidade

Por fim, no momento em que Macabéa morre ela é finalmente notada, sendo o seu momento, a estrela, pois sua existência vazia e invisível não lhe daria o direito de ter uma oportunidade real. É apenas no momento em que ela morre que é finalmente vista, e é por meio da morte que Macabéa tem o seu “nascimento” perante a sociedade, é apenas nesse momento que sua presença é notada pelos outros, embora que ela continue sem receber ajuda de ninguém:

Ela sofria? Acho que sim. Como uma galinha de pescoço mal cortado que corre espavorida pingando sangue. Só que a galinha foge - como se foge da dor- em cacarejos apavorados. E Macabéa lutava muda [...] Algumas pessoas brotaram no beco não se sabe de onde e haviam se agrupado em torno de Macabéa sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam feito nada por ela, só que agora pelo menos a espiavam, o que lhe dava uma existência. (Lispector, 1977, p. 100).

Macabéa sofria em silêncio, mesmo diante seu leito de morte as pessoas que estavam ao seu redor não se preocuparam ou sequer dispuseram de ajuda. Apenas a espiaram, causando assim uma notoriedade, apesar de lhe conceder existência neste momento, não houve apelo,

preocupação ou ajuda, assim como sempre ocorreu em sua vida. Logo, a metáfora da galinha mutilada, e a observação dos outros, apenas reforça a sua vulnerabilidade social.

Dessa forma, quando o olhar das pessoas cai sobre Macabéia, sua existência é finalmente concretizada, o final trágico se mostra, mas não com um tom de luto atribuído a morte e sim com um ar de glória. Em seu leito de morte e agonia, Macabéia deu fim a sua existência ignorada e a sua pobre realidade:

Ela estava enfim livre de si e de nós. Não vos assusteis, morrer é um instante, eu sei porque acabo de morrer com a moça. Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente aceita tudo porque já beijou a parede. Mas eis que de repente sinto o meu último esgar de revolto e uivo: o morticínio dos pombos!!! Viver é luxo. Pronto, passou. Morta, os sinos badalavam, mas sem que seus bronzes lhe dessem som. Agora entendo esta história. Ela é a iminência que há nos sinos que quase badalam. A grandeza de cada um. (Lispector, 1977, p. 105).

Assim se comprova que, antes de ser atropelada, Macabéia sofreu uma espécie de atropelo social, que mesmo diante de sua morte foi ignorada e silenciada pela sociedade em que vivia, e que não se encaixava. No momento em que sua súbita consciência sobre sua insignificância e miséria, é expandida em seu diálogo final com Madame Carlota, a morte deixa de ser o destino e passa a ser a sua liberdade. Em diálogo, a cartomante reproduz cenários da vida de Macabéia e a firma em tom de misericórdia: “Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror! Macabéia empalideceu: nunca lhe ocorreu que sua vida fora tão ruim”. (Lispector, 1977, p. 68).

E por meio deste olhar de compaixão de outra pessoa sobre sua vida que Macabéia vê a realidade do seu passado, se agarrou na ilusória esperança com cenários bonitos que transformam a sua realidade que não ocorreria em sua vida real, mas aconteceu em seus sonhos. Apenas em seu destino foi possível se tornar a estrela, o centro, o desejo que sempre quis ser vista, pelo menos uma vez em sua vida.

A morte de Macabéia é o momento transformador onde a personagem se torna finalmente visível para a sociedade. Durante o percurso de sua vida, a personagem foi marcada pela invisibilidade e por situações precárias do seu cotidiano, mas apenas no instante de sua morte se torna notada por outras pessoas, apenas nesse instante da morte possuindo o papel simbólico de estrela. Esse reconhecimento diante o seu leito de morte, não ocorre ajuda ou solidariedade, apenas reforça toda a sua condição precária durante sua vida. Tal ocorrência pode ser discutida sob à luz de Butler (2015, p. 15): “Algumas vidas são consideradas não passíveis de luto porque nunca foram consideradas vidas. Elas não são reconhecidas como vidas dignas de serem lamentadas, o que significa dizer que nunca foram plenamente vividas dentro do campo humano”. Diante do exposto, a vida de Macabéia se encaixa com o que Butler afirma, mesmo com a morte de Macabéia ninguém chorou ou houve comoção, ninguém a via, mesmo que cumprimentasse quem passasse na rua, ela era uma invisível.

Dessa forma, em vida, a vida de Macabéia nunca foi considerada “chorável”, sendo a morte seu único momento de notoriedade. “Uma vida é apenas considerada vida, e portanto passível de ser perdida, se é reconhecida como vida. E apenas quando a vida é reconhecido como tal é que pode tornar-se ‘chorável’” (Butler, 2015, p. 42). Isto é, para Butler, uma vida chorável é aquela que diante sua perda, causa comoção, luto, digna de pêsames. Por outro lado, uma vida não chorável é quando ela nunca está plena dentro do eixo social. No caso de Macabéia, sua morte apenas constata a invisibilidade que já a acompanhava.

Portanto, o sonho de Macabéia de ser uma estrela se torna real apenas no leito de sua morte, mas não uma conquista em vida. Os rostos que a olhavam sua agonia são os mesmos que não a conheciam, sendo assim não sendo passível de luto. O luto também é um ato político e social, apenas se comove aquilo que a sociedade determina como tendo valor humano. E

Macabéa era invisível, vulnerável, nunca lhe ocorreu ser valorizada. Com isso, o narrador também deixa de existir, pois não há mais o que contar e já cumpriu o seu propósito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho ressaltou sobre a vulnerabilidade social de Macabéa em *A hora da estrela*, cujo objetivo foi analisar como a obra representa como a sócio vulnerabilidade e sua invisibilização social. Deste modo, a personagem exalava características de pobreza, exclusão social como os dos seus colegas de trabalho e até do seu namorado Olímpico que a desprezava constantemente e sua vida miserável. O narrador que descreve a personagem causa comoção e indignação, fazendo o leitor refletir além da literatura. Desse modo, Clarice Lispector, ao construir Macabéa, desenvolveu um personagem incapaz de pensar, se enquadrando no eixo de uma pessoa alienada, como também refletir sobre os seus direitos e sua ausência de voz, carência e a pobreza material, traços estes que tornam a figura de Macabéa um forte símbolo de invisibilidade social.

Um dos recursos utilizados neste estudo foi a análise literária, mediante a trechos principais que discorreram sobre vulnerabilidade e invisibilidade social e argumentados teóricos que sustentam essa discussão. O trabalho foi dividido em três capítulos de discussão até que chegasse no momento de sua morte.

No primeiro capítulo, discutiu-se sobre a simplicidade da personagem, aparentemente insignificante sua existência mas repleta de sensibilidade. Apesar de não ter consciência sobre si, carregava em si uma dimensão humana. Um dos autores que foi posto nesse segmento foi Oliveira falando que Macabéa é uma jovem imigrante que passa por um problema comum na sociedade moderna, que é a invisibilidade e o emudecimento, ou seja, Macabéa não é somente pobre e isolada, é alguém que mediante sua identidade pode ser pouco considerada ou apagada. Já no segundo capítulo, foi evidenciado que Macabéa carregava em si diversos estereótipos desprezados pela sociedade. Um deles é o fato dela ser nordestina, a jovem alagoana que ao migrar para a grande metrópole em busca de melhores condições de vida, foi submissa pela sociedade que a descartava. No contexto em que essa obra foi produzida, representa a sociedade carioca de 1970, onde o papel do ser nordestino era somente de miséria e pobreza. Os migrantes que eram do Nordeste costumavam sofrer essa dilaceração da sociedade local, isto porque São Paulo e o Rio de Janeiro eram sinônimo de avanço industrial e moderno estava passando pelo processo de urbanização. Por outro lado, o espectro nordestino era símbolo da seca, fome e pobreza. Macabéa é uma forte representação desse estereótipo, pois ao migrar, teve dificuldade de se relacionar e se encaixar na sociedade.

Ao conseguir seu trabalho como datilógrafa não demonstrou uma boa desenvoltura, Macabéa tentava para se sustentar no Rio, mas falhava arduamente. Ela não era um peça chave no mecanismo social e não fazia diferença para ninguém. Outro ponto nesta mesma segmentação era sobre sua alienação. A estudiosa Souza argumenta que Macabéa é uma personagem alienada que não possui consciência crítica e que isso a torna incapaz de perceber a sua realidade que tanto a oprime, sua ignorância não era um fator natural, mas sim fruto de uma sociedade que produz sujeitos submissos e impotentes de si diante sua exclusão.

No terceiro e último capítulo, foi discutido sobre a sua ingenuidade, representa assim o rejeitados pela sociedade e invisíveis socialmente. O conceito de alienação mais uma vez é discutido, mas agora por Bauman que, na modernidade líquida, destaca que as identidades são mutáveis, fragmentadas e continuamente revistas. O sujeito moderno é convidado a negociar quem é de onde pertence. O autor deixa claro que o indivíduo vive em questões dúbias de incertezas, uma vez que as referências culturais e sociais mudam o tempo todo. Desse modo, deixa de ser fixa e passa a ser um mecanismo de construção e adaptação, algo que se reflete plenamente em Macabéa. Bauman fala de uma identidade líquida que se constrói e se adapta,

mas Macabéa está longe desse processo adaptativo, pois a mesma não tem recursos simbólicos, culturais ou sociais para que seja “negociada”, já que sua condição de pobreza e marginalização distanciam na massa de construção das identidades sociais.

A vida de Macabéa foi marcada pela invisibilidade, mas com sua morte se tornou notada por outras pessoas, possuindo um papel simbólico de “estrela”. Esse reconhecimento reforça toda a sua condição precária, sendo que sua morte se revelou como um momento transformador, pode-se dizer que, por um instante, por uma “hora”, ela se tornou visível. Macabéa tem sua hora de estrela, apenas com sua morte, mas isso não se tornou uma conquista em vida, foi *A hora da estrela*, pois Macabéa era vulnerável, invisível, nunca ocorreu em ser valorizada. Dessa forma, por meio desse apagamento social compreendeu-se que Macabéa é uma subalterna, ou seja, é uma excluída, impossibilitada de qualquer atitude que a torne evidente, porém com o atropelamento, Macabéa ascendeu como estrela, mas não como a artista de cinema que ela sonhava, mas sim um produto de curiosidade, a sociedade que a olhava a rejeitava e sequer Macabéa era passível de luto. Mesmo diante seu leito de morte, Macabéa era um sujeito “não chorável”, pois nunca esteve plena dentro do eixo social.

Portanto, esta pesquisa serviu para demonstrar a personagem Macabéa como produto de análise literária para se aprofundar, principalmente no que concerne a vulnerabilidade e invisibilidade e assim como ela, há milhares de mulheres.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Nara de Maia. Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura. In: BURITTY, Joanildo A. (org.). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. p. 125-141.

BOSI, Ecléa. O que é desenraizamento? In: **Revista e Cultura Vozes**. Petrópolis: Vozes, ano 77, vol. LXXVII, n.6,ago. 1983.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade e modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BORDO, Susan. **O corpo e imagem cultural: leituras sobre gênero, feminismo e mídia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos tempos, 1997.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Vol. II: A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CELEGUIM, C. R. J.; ROESLER, H. M. K. N. A Invisibilidade Social No Âmbito do Trabalho. In: **Revista Científica da Faculdade das Américas**, v. 3, n. 1, 2009.— 1º semestre de 2009.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura e outros ensaios**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CHAUI, Marilena. **Cidadania e direitos humanos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOTLIB, Nádia. **Clarice Lispector**: leitura e interpretação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IANNACE, Giulia. **Clarice Lispector e a presença de Dostoiévski**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARMOT, Michael. **Os determinantes sociais da saúde**. Tradução de Luis Carlos Borges. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho, JOVCHELOVITCH (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

NUNES, Benedito. **O Drama da Linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.

OLIVEIRA, Maria Aparecida de. Macabéa: uma imigrante subalterna emudecida e invisibilizada. In: **Anais do Seminário Nacional Mulher e Literatura / Seminário Internacional Mulher e Literatura**.

OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva. Representações da beleza feminina na imprensa: uma leitura a partir das páginas de O Cruzeiro, Cláudia e Nova (1960/1970). In: FUNCK, Susana Bornéo; WIDHOLZER, Nara (Orgs.). **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Mulheres, 2005.

PINTO DE SÁ, José de Souza. **Invisibilidade social: o sofrimento dos que nada têm e a indiferença dos que nada sabem**. São Paulo: Paulus, 2008.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Invisibilidade social e direitos humanos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. **Clarice Lispector: ficção e crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

TROCOLI, Flávia. **Esculpir, pintar, escrever em Clarice Lispector.** In: TFOUNI, L. V. (org.). Letramento, escrita e leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2010.